



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

**A EXPERIÊNCIA DE MÃES CUIDADORAS DE PESSOAS COM
DEFICIÊNCIA: A DESCOBERTA DE SI COMO SER DANÇANTE E OUTRAS
APRENDIZAGENS**

Bianca Carminati Schmidt
Acadêmica do curso de Licenciatura em Educação Física/ UFES
Bolsista PROEX/UFES

Erineusa Maria da Silva
Mestre em Educação – UFES
Docente – CEFD/UFES
Membro do grupo Práxis/UFES e GEPEF-FCSES

Resumo

Trata-se de um estudo que avalia, a partir do olhar de seus participantes, o Projeto de extensão “Cuidadores que dançam” apresentando as implicações/provocações/mudanças e aprendizagens que o mesmo vem promovendo na vida das mães participantes. O estudo tem natureza qualitativa com objetivo descritivo. As pesquisadas são as mães de jovens e adultos com deficiência inseridos no projeto supracitado. Preliminarmente, pensamos que o espaço/tempo dessa vivência tem estimulado as mães a reafirmarem sua identidade para além do ser mãe, descobrindo-se como pessoas capazes de experimentar seus limites e possibilidades por meio do seu encontro com a Dança e o dançar.

1. Contextualização dos nossos interesses de estudo

A situação da pessoa com deficiência, apesar de já estar na agenda dos debates do campo da educação, carece de se apropriar um pouco mais a respeito da compreensão de que falar da pessoa com deficiência envolve pensar sobre todo um grupamento - a família da pessoa com deficiência.

Percebe-se que quando chega um membro com deficiência na família, os papéis de cada um são remodelados (GINNOT, 1993). O pai acaba sendo a pessoa que continua a trabalhar e a mãe na maioria das vezes, abdica de sua vida profissional para se dedicar ao filho com deficiência. Recai assim, sobre a figura da mãe a maior responsabilidade de cuidar dos/as filhos/as. Conseqüência disso, a mãe acaba se esquecendo da sua própria vida para viver e cuidar da vida dos filhos, colocando-se em um segundo plano.

Essa situação tem se apresentado como recorrente também em nossa experiência com mães de jovens e adultos com deficiência que matriculados no Laboratório de Educação Física Adaptada (LAEFA), realizam práticas corporais enquanto suas mães os



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

aguardam. Nesse tempo de atuação, percebeu-se que a maioria dos acompanhantes desses jovens e adultos eram mulheres, e em sua maioria as mães dos mesmos. Percebeu-se também que durante o momento em que os filhos realizavam as atividades nos projetos, as mães os esperavam no CEFD sem exercer nenhuma atividade sistematizada. Como meio de passar o tempo elas conversavam e realizavam alguma atividade de artesanato como o tricô. Esse fato chamou a atenção dos coordenadores do LAEFA. Surgiu então a idéia de se criar um projeto direcionado as mães durante o tempo que aguardariam pelos seus filhos.

Nesse sentido, os coordenadores do LAEFA junto com a professora da área de dança propuseram as mães que realizassem uma prática corporal – a Dança. Tal proposta gerou a criação do projeto “Cuidadores que dançam”. Para efetivá-lo, em março de 2011, tal projeto foi articulado à disciplina curricular denominada ATIF (Atividade Interativa de Formação) por meio da qual nos propusemos o ensino das danças de salão e das danças populares brasileiras. Na sequência, em julho de 2011 o projeto foi contemplado com uma bolsa de extensão, o que propiciou ao mesmo uma maior sistematização das atividades: planejamento, intervenção, relato e avaliação.

A participação no projeto tem nos estimulado a alguns questionamentos e reflexões, o que nos impõe a necessidade de investigar academicamente como este espaço/tempo de fato tem sido ocupado e vivenciado pelas participantes. Outro fator que nos impele a realizar a pesquisa em questão é a constante necessidade de avaliação, tendo em vista ser este um projeto financiado pela PROEX (Pró-Reitoria de Extensão).

Tendo isso em vista ao realizar algumas pesquisas se percebe que no campo dos estudos a respeito de pessoas com deficiência notamos que existem muitas pesquisas realizadas sobre deficientes e muito pouco sobre seus pais e familiares, como eles se sentem/se vêem, o que pensam. Nesse sentido, buscamos aprofundar nossos conhecimentos a partir de uma experiência vivida com mães de pessoas com deficiência física e/ou mental.

Durante as aulas de dança de salão e populares pudemos notar que ao dar prioridade ao cuidado dos filhos, as mães acabam por abandonar o cuidado com sua própria vida. Sua atenção e seu tempo é todo destinado para seu filho, fazendo com que sua vida, suas vontades e desejos fiquem em segundo plano.

Depois de dois semestres de atuação, podemos afirmar previamente que este espaço/tempo de práticas dançantes tem sido um momento no qual as mães encontram entretenimento, mas fundamentalmente tem sido um lugar de redescoberta de si, o que pensamos teria sido impossível experienciarem não fosse seu ingresso no projeto. A cada aula do projeto as mães aprendem um ritmo novo com total liberdade para se expressarem como quiserem; o objetivo do projeto é que aprendam cada cultura expressa nas formas da dança de salão e popular, e não somente a dançar, a executar movimentos dançantes. De maneira que aprendam além da técnica específica de



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

determinada forma de dança, também aprendam um novo olhar a respeito das mesmas e seus elementos – a história, suas origens e relações com as diversas culturas. Ademais, que seja de um modo prazeroso e que garanta que não tenham “medo de errar”; os erros são tratados de forma pedagógica, respeitando-se seus limites e potencialidades.

De maneira que nosso problema de investigação busca abordar a seguinte questão: Que implicações/provocações/mudanças e aprendizagens o projeto cuidadores que dançam vem promovendo na vida das mães participantes?

Como forma de problematizar essa questão, apontamos como objetivo realizar uma avaliação da proposta apresentada pelo Projeto Cuidadores, a partir do olhar de seus participantes, especialmente buscando evidenciar as aprendizagens promovidas pelo mesmo. Mais especificamente buscaremos abordar a respeito das histórias de vida de cada participante, sua relação com o projeto de dança; investigar qual a importância que o projeto representa para a vida das mães participantes; perceber mudanças e aprendizagens que o projeto trouxe para as mães, tanto no convívio entre elas, quanto no convívio com a família e sociedade em geral; além de perceber que implicações as vivências tem tido para a uma maior consciência de si, de seu corpo.

Para tal, propomo-nos a realizar um estudo de natureza qualitativa, do tipo etnográfico (LUDKE & ANDRÊ, 1986), pois pretende descrever o processo educativo porque passa esse grupo. Usaremos como instrumentos e técnicas a observação, vídeogravação e relatório das aulas ministradas e, também uma entrevista, com roteiro semi-estruturado. Os pesquisados serão as mães de jovens e adultos com deficiência inseridos no Programa supracitado. As análises se guiarão por uma perspectiva interpretativa, a partir de realização de categorizações do observado, relatado e entrevistado.

2. O que nos referencia

Diversos autores (BRASILEIRO, 2003; MARQUES, 2005; SOUZA, 2011) tem enfrentado o debate de como dar um tratamento pedagógico a Dança na escola; de forma a extrapolar a visão da Dança como mera atividade, apresentando-a como um conhecimento que pode e deve ser tratado por via das aulas de Educação Física, Educação Artística e Arte-Educação como propugnado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais de 1997.

Nessa linha de raciocínio Marques (2005), tem nos ajudado a pensar sobre como materializar a prática da Dança como conhecimento na escola. A autora propõe uma articulação entre o que denomina de sub-textos, textos e contextos da Dança, que por sua vez são trabalhados a partir dos contextos dos alunos. Em relação aos sub-textos, estes são entendidos como os elementos estruturais da dança - coreológicos (música, ritmo e movimento e seus fatores) e, também, agrega-se a isso os elementos sócio-afetivo-culturais, ou seja, aqueles elementos “ocultos” a primeira vista mas, que estão



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

presentes no gestual da dança e nas relações sociais como as relações de gênero, étnico-raciais, de diversidade sexual e geracional. Por sua vez, os textos são os repertórios existentes de dança, as improvisações e as composições coreográficas; e o contexto da própria dança como aqueles vinculados a história da dança, o conhecimento anatômico ligado a Dança, questões referentes à estética, a sociologia, a antropologia dentre outros. Todos esses conhecimentos articulados entre si e referenciados pelo contexto dos alunos possibilitariam um dançar transformador, baseando-se numa ação docente comprometida com a perspectiva crítica.

Essa proposta a nosso ver nos permite perceber que a dança e o dançar podem ser ressignificados. Antigamente a dança era algo popular construído nas tradições populares, com o tempo ela foi se elitizando, passa a ocupar os salões da corte. A partir daí vemos uma separação da dança popular, da dança elitizada que foi se ressignificando, refinando seus gestos. Com o passar do tempo a dança elitizada foi denominada mais bonita, melhor (SOUZA, 2011). Isso levou a uma padronização do gesto e do dançar, levando as pessoas a crerem que quem não sabe reproduzir aquela determinada dança, aqueles gestos, não sabe dançar; ocorrendo assim um desestímulo da população em relação ao dançar. E isso pode ser ressignificado se a dança for tratada como conhecimento e não apenas como uma atividade, um fazer desinteressado, sem intencionalidade. Isso nos possibilita um fazer mais consciente e menos espontâneo. O que não quer dizer que a expressividade não será respeitada.

Nesse sentido, Souza (2011) afirma que não devemos desvalorizar a técnica e os referenciais teóricos para valorizar a liberdade de expressão, pois um depende do outro, para ser livre e criar é preciso também ter o conhecimento da técnica.

Não adianta propugnar o “ser livre para criar, pensar e sentir” se não se contribui para ampliar as potencialidades de se expressar essa liberdade através do corpo que por sua vez se insere em um contexto cultural. Assim, o conhecimento em dança articula-se com o conhecimento para a dança, abrindo espaço para a criação e transformação de identidades culturais, produzindo um leque de possibilidades de relações entre arte, ensino, aluno e sociedade. (SOUZA, 2011, p.9)

Essa perspectiva pode ser uma possibilidade de enfrentarmos a questão que vimos problematizando a respeito das implicações que a experiência com dança pode ter na vida e, especificamente, no corpo das mães participantes. Tendo em vista, que esse corpo é tratado com respeito ao seu fazer e sua expressividade, o que a nosso ver potencializa a exercitar sua cidadania por outras atividades sociais que não o trabalho humano de cuidado do outro, mas também no âmbito das artes, da estética, do sensível.

O cuidado do outro é fundamental numa sociedade que se pressupõe solidária, no entanto, esse cuidado não pode anular o cuidado de si, o cuidado com o próprio corpo. Quando falamos em cuidado de si e do próprio corpo, pode remeter a idéia de que se cuidar é fazer algum exercício e manter uma boa alimentação. De fato isso é cuidar do



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

corpo, mas fica difícil viver em uma sociedade na qual existe um grande culto ao corpo, com um modelo previamente definido a ser seguido a qualquer custo. Esse modelo, geralmente, é um corpo jovem, forte, magro, definido, e tendo esse modelo de corpo vemos também que as práticas corporais são voltadas para o mesmo. Percebemos que a procura por práticas corporais por pessoas mais maduras, que já estão em uma idade mais avançada, tem crescido, e ao mesmo tempo vemos que são raros os programas voltados para essa idade, embora toda idade e qualquer corpo precise exercer alguma atividade física. Melo et al. (2005) afirma que

[...] as propostas de práticas corporais oferecidas nos diversos espaços, seja público ou privado, seja para crianças, jovens, adultos ou idosos, em sua grande maioria fundamentam o trabalho na perspectiva da aptidão física, do desempenho atlético, da performance, da força, da velocidade, salvo raras exceções. (MELO; ANTUNES; SCHNEIDER; 2005, p.93)

Percebemos então que existe uma carência no campo das práticas corporais voltadas para pessoas mais maduras, ou seja, práticas que sejam pensadas e direcionadas especialmente para esse público. Tornando essa situação lacunar no campo das práticas corporais, em especial para familiares de pessoas com deficiência. A Dança pode ser, a medida da ação do professor, uma prática potencializadora de conscientização do cuidado de si e mantenedora da solidariedade do cuidado com/do o outro.

3. Algumas impressões prévias a partir da observação das aulas ministradas

A seguir faremos uma breve exposição a respeito das intervenções realizadas e nossas primeiras impressões que, inclusive, foram importantes para nossa decisão de realizar um estudo mais aprofundado a respeito do vivido no projeto.

Inicialmente podemos afirmar que a proposta feita às mães de participarem de aulas de Dança de salão, durante o momento de aula de seus filhos, foi bem aceita. No começo elas estavam bem inibidas, com vergonha por estar em um grupo de pessoas e ter que dançar na frente do mesmo e até porque em sua grande maioria elas não tinham conhecimento a respeito dos ritmos apresentados. Além disso, no decorrer das aulas houve uma queda no número de participantes, por acharem algumas formas de dança de salão difíceis. Tivemos também mães que não queriam dançar por motivos religiosos, ou ainda, que dançavam, mas que no momento de apresentação final não queriam participar, pois não poderiam ser vistas dançando pelos filhos.

Vendo que essa questão do não saber dançar, da inibição e da religiosidade era algo que fazia com que algumas delas não participassem da aula, os monitores estavam sempre ressaltando que ali era um espaço de aprendizado e sendo assim todos estavam ali para aprender, isso ajudou que algumas mães percebessem que não tinha problema em “errar”, ou não “saber” dançar. Além de ser um espaço para diversão/lazer era também um lugar onde elas estariam aprendendo, compartilhando aprendizagens. A questão da



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

religiosidade foi respeitada e deixávamos que elas encontrassem seu tempo de participar, o que aos poucos foi ocorrendo. Assim, apesar de alguns obstáculos, de maneira geral, foi demonstrado por parte das mães, grande interesse em estar participando e aprendendo a cada aula um ritmo novo.

Com o passar do tempo vimos que as mães foram se “soltando”, algumas delas já chegavam à sala fazendo brincadeiras, vimos que ali foi criado um vínculo com o grupo o que propiciou certa intimidade entre os participantes do mesmo, que já ficavam à vontade para falar e se expressar como quisessem.

Ao longo das aulas, a partir de relatos e avaliações das mães, pudemos perceber o quanto elas se sentem bem dançando, o quanto aquele momento é prazeroso. Percebemos isso também nos sorrisos e gargalhadas que são dados durante as aulas, nos momentos de descontração que não são proporcionados apenas pelos professores. Vemos o quanto aquele momento é importante para que as mães possam se perceber como ser dançante, como uma pessoa que precisa de cuidados. E que, além disso, percebe que ela também precisa de atenção, cuidados, que também tem seus desejos, que querem se divertir, aprender. Vale destacar também o interesse que demonstram a respeito dos conhecimentos que estão sendo trabalhados, tomando esse momento como um lugar de aprendizagens e não apenas de realização de atividades.

Pensando nisso, pensando em cada mãe, seus gostos, o interesse em aprender, em cada aula falávamos primeiro dos aspectos históricos da dança, onde surgiu, quando, em que cultura e como se ampliou para outras culturas, os embricamentos na constituição das diversas formas de dança apresentadas. Em seguida, criávamos estratégias de aprendizagem dos aspectos técnicos, contribuindo para que as mães pudessem exercer sua criatividade com base nos conhecimentos anteriormente trabalhados. Nas aulas também seguimos a perspectiva apontada por Marques (2005), segundo o qual os sub-textos, textos e contextos da Dança se articulam a partir dos contextos dos alunos. De sorte, que às vezes iniciávamos a apresentação de uma forma de dança pelo repertório, às vezes pela improvisação, ora pelos aspectos estruturais e outras pelos aspectos históricos e estéticos.

Levando em consideração a questão do contexto do aluno, observamos o contexto das nossas alunas, as mães, percebemos que em seu cotidiano, devido a preocupação com seus filhos que precisam de sua atenção, cuidados, acabam ficando sem tempo para o cuidado de si, cuidado do seu corpo o qual acaba por ficar sem os cuidados necessários. Precisamos lembrar que além de mães cuidadoras essas mães são antes de tudo mulheres, que também gostam de cuidar de sua aparência, que gostam de se sentir bem, se arrumar, que como muitas mulheres, gostam de se sentir bonitas. Percebemos isso quando uma mãe diz que está se sentindo bem com as aulas. Ela relatou que algumas pessoas próximas até disseram que ela tinha emagrecido e perguntaram o que ela estava fazendo, ao que respondeu, “estou dançando”, toda orgulhosa.



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

Vemos que mesmo com a falta de tempo elas ainda se preocupam com a aparência, aparência essa que sofre grande influência pela mídia, e pelos interesses de mercado. Melo, Antunes e Schneider afirmam isso falando

[...] que os interesses de mercado, os valores da cultura, juntamente com as ações da técnica e da ciência, agiram e agem, sem limites, sobre os destinos da vida em nome de sua melhoria (quase sempre questionável). Essa condição instaurou e continua a instaurar esferas de poder que sufocam, oprimem, reprimem e subestimam as capacidades individuais e coletivas dos sujeitos sociais de pensarem, sentirem e agirem com autonomia e consciência. (MELO; ANTUNES; SCHNEIDER; 2005, p.92)

A partir desses interesses de mercado, em toda a influência que a mídia tem, propusemos então um objetivo para as aulas, a (re)descoberta do seu próprio corpo, não o corpo que está sendo divulgado pela mídia, mas sim o seu próprio corpo como se apresenta e que algumas vezes é deixado ao esquecimento. As dinâmicas e estratégias utilizadas buscaram, por meio da experiência com a dança, estimular a consciência corporal de cada uma, estimulando a percepção das mudanças que ocorrem com o corpo e que, por vezes, não são percebidas.

Seguindo essa linha de raciocínio, pensando nesse corpo modelo que está sendo divulgado, vemos que as práticas corporais existentes na sociedade são voltadas principalmente para os corpos jovens para que estes possam estar de acordo com o corpo que “está na moda”, devido a certo preconceito com os corpos mais maduros, por serem corpos que já não tem mais a mesma disposição, força, e até mesmo a forma que os corpos mais jovens que são julgados como modelos a ser seguido. Por esses e outros fatores a sociedade acaba vendo aquele corpo como um corpo velho, descuidado, porém é necessário ver que aquele corpo como um corpo que também precisa de cuidados, que sofre mudanças, que também é capaz de realizar praticas corporais. (MELO; ANTUNES; SCHNEIDER; 2005). A partir dessa idéia e tendo em vista que as mães já se encontram em uma idade mais avançada temos sempre o cuidado de fazer com que as aulas sejam voltadas para que elas possam estar sempre realizando as práticas sem dificuldades, ou seja, para que todas possam estar participando e aprendendo.

A preocupação era preparar aulas com práticas que atendessem as necessidades das mães, de acordo com o corpo e idade de cada uma. Procuramos mostrar que é possível desenvolver atividades para o corpo mais maduro superando todas as concepções difundidas de um corpo na maturidade, principalmente aqueles que vêm o corpo na maturidade como um corpo doente e inútil.

(...) o corpo é o sujeito da educação, porque é nele que está a vida. É o corpo que quer aprender para poder viver. Nesses termos, precisamos ter competência para propor práticas que superem a mecanização dos gestos, os automatismos e as rigorosidades das formas, para trazer uma experiência de prazer e alegria, na qual se assuma um compromisso ético de se tratar os



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

corpos na tentativa de não submetê-los às lógicas que, como vimos, prevalecem nas práticas corporais no contexto contemporâneo. (MELO; ANTUNES; SCHNEIDER; 2005, p.110-111)

Tendo a prática alienada como algo que está no cotidiano, toda essa mecanização dos gestos, buscamos, através das aulas, fazer com que haja uma reconstrução e ressignificação da dança a partir do conhecimento técnico e histórico adquirido na mesma. Com esse conhecimento adquirido ressignificamos a nossa prática, adaptando-a ao contexto dos participantes do projeto. Percebemos esse fato, de adaptar a dança para o grupo, quando a partir do conhecimento trabalhado, em alguns momentos questionamos ao grupo de que outras maneiras poderiam estar realizando tal movimento ou forma de dança, o que poderiam acrescentar/modificar em determinada forma de dança. E ainda, até mesmo quando colocávamos uma música e elas próprias acabam por criar os movimentos, nessa criação de seus movimentos percebemos que os mesmos são próprios delas, não movimentos mecanizados, mas mais livres, em que pese toda a homogeneização e padronização a que somos submetidos cotidianamente.

4. Considerações finais

Apesar da dificuldade do grupo de monitores de estar sempre procurando formas de dar uma aula criativa e atrativa, tal tarefa foi bem executada, e percebemos isso através da avaliação realizada pelas próprias mães alunas. Apesar das avaliações terem sido bem positivas, percebemos que ainda existe uma falta de conhecimento mais aprofundado dos professores em relação a técnica da dança e de seus aspectos históricos, isso ocorre devido ao pouco tempo que temos para preparação das aulas, realizar pesquisas mais aprofundada de cada dança, e a grande quantidade de coisas que temos que realizar na aula como: identificar danças que as mães preferem participar, procurar/criar dinâmicas para tornar a aula mais atrativa, descontraída e que nos auxilie a facilitar o aprendizado, buscar materiais para essas dinâmicas, estar sempre inovando nas aulas, trazendo algo novo ou materiais novos. Inclusive ao final de cada aula um momento de relaxamento o qual também precisamos estar sempre criando e recriando formas de estar propondo tal tarefa em sua maioria utilizando diversos materiais. Por fim, vemos que essa tarefa de estar pensando em cada aula e seus conteúdos, nos ocupa um tempo, e com isso deixamos, às vezes, de estar no aprofundando mais no conhecimento específico de cada dança.

Apesar dessa falta de tempo, para uma melhor realização das aulas, vimos que houve um grande envolvimento das mães com aquele momento e uma participação delas em relação a estar aprendendo e realizando o conteúdo trabalhado. Houve também interesse em participar no momento de avaliação, quando recebiam uma folha na qual falavam como foi à aula (críticas, sugestões e elogios), o que elas gostariam de ver nas próximas aulas, como se sentiram, enfim nessa avaliação elas estavam livres para se expressar como quisessem em relação à aula. Uma avaliação merece destaque, por seu



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

significado, quando as mães disseram: “*aqui somos felizes*”. De certa maneira isso indica que, nesse momento em específico, estão sendo feliz e que possivelmente não o são em outros.

Em relação à questão de ressignificar e recriar a dança, pensamos que possibilitamos as mães a dançarem e recriarem à sua maneira. Não que tenhamos esquecido as raízes e técnicas de cada dança, até porque isso era o conteúdo das aulas. Mas, como cada pessoa possui o seu próprio jeito de dançar, esse gestual próprio ia dando forma a um movimentar muito particular, que, por sua vez, era compartilhado de diversas formas durante as aulas.

Outro ponto significativo que podemos afirmar previamente foi que, com o passar das aulas, com todo o aprendizado adquirido, as mães foram se percebendo como pessoa que pode realizar outras tarefas além de ser uma mãe cuidadora. Foram se percebendo como um ser dançante, um ser que é o seu próprio corpo antes de tudo, corpo que se modifica, que precisa de cuidados. Tudo isso foi percebido no decorrer das aulas, onde aos poucos elas tinham que estar fazendo movimentos novos e com isso sentindo o seu corpo a cada movimento, sentindo como ele reage a cada movimento, cada aula, e com isso percebendo mudanças físicas, e também psicológicas, pois além de ser um momento de aprendizado é também um momento de descontração.

5.Referências bibliográficas

BUSCAGLIA, Leo. **Os deficientes e seus pais**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora Record 1993

LUDKE, Menga & ANDRÈ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo, Editora pedagógica e universitária. 1986. 99p.

MARQUES, Isabel. **Ensino de dança hoje**: textos e contextos. 5. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MELO, Cristiane Ker; ANTUNES, Priscila de Cesaro; SCHNEIDER, Maria Dênis. Título do artigo. In: SILVA, Ana Márcia e DAMIANI, Iara Regina. **Práticas corporais**: experiências em educação física para uma formação humana. V3. Florianópolis: nauembla ciência & arte 2005

SOUZA, Maria Inês Galvão. **Arte, Cultura e Sociedade**: Uma rede intrigante para algumas reflexões sobre a Dança. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/33920290/38-Arte-Cultura-e-Sociedade-Uma-rede-intrigante-para-algumas-reflexoes-sobre-a-Danca>. Acesso em: 21 de junho de 2012.